

O CINEMA E A EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

BEZERRA, Paloma Oliveira¹

KATO, Marly Nunes de Castro²,

Modalidade do trabalho: Pôster

GT: Didática, Práticas de Ensino e Estágio

Resumo

O texto pretende apresentar reflexões sobre o cinema, com vistas a destacá-lo como uma importante instância pedagógica. Como procedimento metodológico adotou-se a pesquisa qualitativa, através da pesquisa bibliográfica, visto que permite o contato direto do pesquisador com a situação pesquisada. Apontamos que o caráter pedagógico inserido em alguns filmes pode ser percebido com relativa facilidade. No processo educativo, a dimensão pedagógica do cinema é vasta, nos faz pensar e entender o mundo. Nos questionamos, elaboramos conceitos e reflexões que permitem o debate e a produção de conhecimentos, além disso, o cinema constitui estratégias que dependendo dos objetivos, orientam a escolha dos conteúdos com os quais se deseja trabalhar. Entendemos que o cinema proporciona o deslocamento para o passado, para o presente e para o futuro na mesma velocidade das imagens que são apresentadas na tela, embora vivendo em um tempo presente e nessa perspectiva vamos enriquecendo a nossa história e a dos demais. Conseqüentemente, acabamos interagindo na produção de novos conhecimentos, ou até mesmo, preconceitos e visões de mundo de um grande universo de representações sociais. Assim, consideramos como desafio, olhar para os filmes não apenas como espectador, mas como alguém que busca entender e captar respostas às questões que requer serem investigadas.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Didática.

Introdução

¹ Mestranda em Educação: Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: palomaoliveira7@hotmail.com.

² Mestranda em Educação: Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: mmkato@umarama.ufu.br

Ao descortinar os meandros do cinema acentua-se a importância dele como uma importante instância pedagógica nos leva a querer entender com profundidade o papel que ele desempenha junto aos sujeitos que envolvem o ambiente escolar. Enquanto educadores, afirma Duarte, “temos muito mais a ganhar se assumirmos a prática de ver filmes como parceira na transmissão de conhecimentos do que como rival das atividades que definimos como verdadeiramente educativas” (2002, p. 83).

Mesmo porque, os filmes são inesgotáveis de oportunidades de aprendizagem, se constituem também como uma porta de acesso a conhecimentos e informações. Estes por sua vez, que não se esgotam neles, são repletos de elementos de reflexão sobre a própria vida e a sociedade em que vive. Nesta perspectiva também aguçam o interesse por questões que muitas vezes, sequer seriam consideradas e avaliadas. Sejam elas diferenças sociais, sexuais, raciais, físicas etc. Cujo ângulo de evidência o educador pode despertar.

Nesta relação de educação e cinema encontramos já familiarizados com a prática dos educadores a relação entre a história na tela e a história dos livros. Partindo dessa premissa, consideramos extremamente importante os estudos de temáticas que envolvam o cinema e o processo educativo. Assim, para permitir uma melhor compreensão, além da introdução e considerações, esse estudo organiza-se em duas partes. Na primeira apresentamos às teorias que fundamentam o trabalho. Na segunda parte esboça-se uma breve contextualização do tema para em seguida expor os resultados da análise. Por fim, buscamos apresentar considerações que permitam uma reflexão a cerca do cinema na educação.

O cinema: entre textos e contextos

Iniciar este estudo remetendo à relevância dos recursos midiáticos para a sociedade pareceu-nos ser o melhor caminho. Neste sentido bem descreve Marilena Chauí (2006 p. 7)

“O rádio, a televisão, o cinema, os jornais e as revistas de divulgação tornam viáveis sistemas de representação que seriam impossíveis sem eles. Com efeito, para que a ideologia possa ganhar generalidade suficiente para homogeneizar a sociedade no seu todo é preciso que a mídia cumpra seu papel de veicular a informação não de um pólo particular a outro pólo particular, mas de um foco central circunscrito que se dirige ao todo indeterminado da sociedade”.

De um modo geral, os meios educacionais ainda vêem o audiovisual como um recurso adicional e secundário em relação ao processo ensino-aprendizagem. Os livros são assumidos pelos educadores com um recurso fundamental para a educação e os filmes raramente são

tidos em conta muito menos esforços em defender o direito ao acesso ao cinema, mesmo porque é um dos mais caros do mundo. Há que ir a busca de estímulos para compreender a pedagogia do cinema.

Num contexto escolar acadêmico, a dimensão pedagógica do cinema é vasta, são repletos de questões, conceitos, reflexões que permitem o debate e a produção de conhecimentos. Daí se infere que identificar o caráter pedagógico inserido em alguns filmes pode ser percebido com relativa facilidade. Ele está inserido na produção de identidades, na transmissão de valores éticos e morais e inclusive pessoas que abandonam sua identidade cultural para adotar comportamentos de personagens, a prática do cosplay. Mas o desafio é também compreender quais os mecanismos sociais, culturais e psicológicos que permeiam este processo, pois na contemporaneidade, a mídia exerce sobre a população uma vigorosa ação pedagógica.

Há segundo Xavier (2008) uma relação direta entre educação e cinema, pois ele faz pensar não somente sobre o cinema em si mesmo, mas igualmente, sobre as mais variadas experiências e questões que ele coloca em foco. Além da dimensão formadora do cinema, vista por ele, como arte e entretenimento a dimensão educativa, entendida no sentido formação (valores, visão de mundo, conhecimento, ampliação de repertório) permeia toda a experiência do cinema e está, ainda que de modo implícito, presente nos debates sobre os filmes, pois mesmo a reivindicação mais radical de um cinéfilo pela “autonomia” do campo e seus rituais específicos já pode ser vista como expressão de um tipo muito particular de formação em que o cinema fica reduzido à educação para o próprio cinema e seu imaginário. A questão não é passar conteúdos, mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um construto que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável.

A idéia é acentuar os momentos em que o cinema desestabiliza as oposições, questiona nossas convicções, faz repensar tais noções sem jamais supor que tal transporte seja capaz de criar equivalências ou a idéia de que uma substitui a outra, pois a passagem para o cinema é a criação de outra obra que criará o seu mundo, enfim é um diálogo com o texto.

Fabris (2008) destaca o cinema e toda a sua filmografia como objetivos de estudo produtivos para a educação. Os filmes podem ser tomados como textos culturais que ensinam, que nos ajudam a olhar e a conhecer a sociedade em que vivemos e contribuem na produção de significados sociais. Entretanto, é preciso entender a educação como um processo cultural amplo que ultrapassa os limites da escola.

Complexidade e amplitude do cinema

De um modo geral, as pesquisas nos mostram que os motivos pelos quais a história da educação está presente nos filmes produzidos. Especialmente no momento em que circulam os significados se juntam a essas histórias. Podemos ver que há uma linguagem cinematográfica e uma política cultural e econômica que envolve as produções nacionais e que igualmente contribuem para os sentidos produzidos.

Os estudos em termos de conteúdo informativo na história escrita há uma grande densidade intelectual ou revelações teóricas enquanto que nos filmes sempre serão menos complexos do que a história escrita. No entanto, Rosenstone (2010) apresenta que as suas imagens em movimento e suas paisagens sonoras criarão complexidades vivenciais e emocionais desconhecidas para a página impressa, certamente, o mundo histórico criado pelos filmes é potencialmente muito mais complexo do que o texto escrito. Na tela, várias coisas acontecem ao mesmo tempo – imagem, som, linguagem, até texto -, elementos se respaldam e se contradizem criando um campo de significado que difere da história escrita na mesma medida em que a história escrita diferiu da história oral.

Fica assim, demonstrado que o cinema não é só entretenimento, mas uma linguagem mobilizadora e desestabilizadora de nossas certezas. Sua projeção em uma tela certamente não proporciona uma janela limpa para um passado extinto, pelo contrário fornece uma construção de realidades que aproximam os seres de algo que existiu.

Para Bernardet (1985), o cinema dá a impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros. Portanto é basicamente uma expressão de montagem, num sentido amplo, não só a ordem em que os planos se sucedem, mas também a montagem dentro do próprio plano cujo erro de continuidade revela o espetáculo, revela que o filme é uma composição artificial e não a vida.

Em sua relação com a escola, ele tem uma história de muitas décadas de parceiros na formação das pessoas. Nele frequentemente encontramos sinais articulados das atribuições que a sociedade lhe confere. Aí torna-se importante compreender seu conceito para penetrar um pouco mais neste importante recurso midiático. Assim,

O cinema é um complexo de sistemas significadores e seus significados são o produto da combinação daqueles. A combinação pode ser realizada com sistemas complementares ou conflitantes entre si, mas nenhum por si só é responsável pelo efeito total do filme. (Turner 1997 p. 69)

Também na visão de Xavier (2008) compreender a forma de analisar o cinema ou com que elementos contam quando se trata de imagens cinematográficas que nos tocam; imagens esteticamente, mais complexas, que dizem respeito a narrativas que não necessariamente encontram um fim em si mesmo, pois o que vale é a relação com a imagem.

Quando dizemos que o cinema cria um mundo ficcional, precisamos entendê-lo como uma forma de a realidade apresentar-se, ocorre uma simbiose entre o corpo do espectador e a história vivida na tela; o tempo e o espaço tornam-se os mesmos representados na película.

Para fazer jus às transformações o homem do século XX jamais seria o que é se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento. É um universo cultural em imagens, uma complexa tralha mecânica e química que impressionam pelos movimentos contínuos com aparência de reais, ou de reprodução do real que atinge a um público ilimitado e também amplia em muito a possibilidade de divulgação de ideologias.

Ver o cinema como uma produção cultural é no entender de Fabris (2008) não apenas inventar histórias, mas que, na complexidade da produção de sentidos, vai criando, substituindo, limitando, incluindo e excluindo realidades, filmes como produções datadas e localizadas, produzidos na cultura, criando sentidos que a alimentam, ampliando, suprimindo e/ou transformando significados.

Considerações Finais

Observamos, portanto, que o cinema não é só entretenimento, mas uma linguagem mobilizadora e desestabilizadora de nossas certezas. Enfim, consideramos que os indivíduos, ao assumirem essa ou aquela identidade, são interpelados por discursos e, ao mesmo tempo, transformam-nos de acordo com suas histórias de vida. Mesmo assim, a posição de sujeito deve ser sempre de questionadora. Pois o desafio era olhar para os filmes não apenas como espectador, mas como alguém que busca entender e captar respostas às questões que requer serem investigadas.

Referências

BERNARDET, J. **O Que é Cinema**. SP. Nova Cultural Brasiliense, 1985. Coleção primeiros passos.

CHAUI, M. **Simulacro e poder Uma análise da mídia**. SP. Ed, Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 75

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte. Autêntica, 2002.

FABRIS, E. H. Cinema e Educação: um caminho metodológico. *Revista Educação & Realidade*, 2008, v.33, n.1. p.117-134

ROSENSTONE, R. A. **A História nos filmes, os filmes na história**. Tradução Marcello Lino. SP. Paz e Terra. 2010.

TURNER, G.O cinema como prática social. São Paulo. Summus, 1997.

XAVIER, I. **Entrevistas**. Org. Adilson Mendes. RJ. Beco do Azougue. 2009

_____. Um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista. **Educação & Realidade**, 2008, v. 33, n.1, p. 13-20